



Entre bazares e ações beneficentes: discursos sobre organização feminina na folha do norte do Paraná.

Gessica Aline Silva¹

Recebido em: 30/08/2019

Aceito em: 06/10/2019

RESUMO

Neste artigo buscamos analisar os discursos acerca das ações das mulheres das elites locais na esfera pública, principalmente, por meio de seu engajamento em atividades filantrópicas. Com este objetivo, utilizamos as publicações da Coluna Social da Folha do Norte do Paraná, um jornal diário publicado e produzido em Maringá durante os anos de 1962 a 1979. Para tanto, utilizamos a análise do discurso foucaultiana com a finalidade de questionar as construções discursivas acerca do engajamento feminino na esfera pública, bem como as construções de gênero e modelos de feminilidade veiculados na Coluna Social do jornal. Acreditamos que a ação dessas mulheres das elites locais presentes no periódico possuíam um duplo papel ao passo que contribuíam para manutenção do status quo, também serviam de instrumento pedagógico para seus leitores. Além disso, ao problematizar tais discursos buscamos compreender como a organização feminina por meio dessas ações assistenciais e filantrópicas eram acionadas como estratégias e táticas utilizadas, por essas mulheres para sua inserção e atuação na esfera pública.

Palavras-chave: Filantropia. Gênero. Imprensa.

Between Bazaars and Beneficial Actions: Speeches on Women's Organization in Folha do Norte do Paraná

ABSTRACT

In this article we seek to analyze the discourses about the actions of local elite women in the public sphere, mainly through their engagement in philanthropic activities. For this purpose, we use the publications of the Social Column of Folha do Norte do Paraná, a daily newspaper published and produced in Maringá from 1962 to 1979. To do so, we use Foucaultian discourse analysis to question discursive constructions about female engagement in the public sphere, as well as gender constructions and models of femininity conveyed in the newspaper's Social Column. We believe that the action of these women of the local elites present in the journal had a double role while contributing to the maintenance of the status quo, also served as a pedagogical tool for their readers. In addition, by problematizing such discourses, we sought to understand how women's organization through these care and philanthropic actions were triggered as strategies and tactics used by these women for their insertion and performance in the public sphere.

Keywords: Philanthropy. Gender. Press.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon. Para mais informações e contato currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5824114051995462> e endereço eletrônico: gessica58@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O protagonismo e o papel das mulheres nas lutas sociais é uma pauta constante nos debates que se colocam a problematizar as organizações e os movimentos sociais, especialmente, no século XX. Em diálogo com tais discussões desenvolvemos uma série de pesquisas que se debruçaram na análise das representações e discursos acerca das mulheres veiculados pela imprensa no interior do Paraná entre os anos 1960 e 1970, observamos a recorrência de casos de associativismo e reunião de mulheres das elites locais em ações filantrópicas e assistenciais².

A partir dessas observações construímos o presente texto, tendo como objetivo analisar os discursos acerca das ações das mulheres das elites locais na esfera pública, principalmente, por meio de seu engajamento em atividades filantrópicas. Para tanto, utilizamos as publicações da Coluna Social da Folha do Norte do Paraná, um jornal diário publicado e produzido em Maringá durante os anos de 1962 a 1979.

Dessa maneira, procuramos questionar os discursos construídos acerca desse engajamento feminino na esfera pública, bem como as construções de gênero e modelos de feminilidade veiculados na Coluna Social do jornal. Acreditamos que a ação dessas mulheres das elites locais presentes na Folha do Norte do Paraná possuíam um duplo papel ao passo que contribuía para manutenção do status quo, também serviam de instrumento pedagógico para seus leitores. Além disso, ao problematizar tais discursos buscamos compreender como a organização feminina por meio dessas ações assistenciais e filantrópicas eram acionadas como estratégias e táticas utilizadas, por essas mulheres para sua inserção e atuação na esfera pública.

Privilegiamos a abordagem a partir do conceito de gênero compreendido enquanto “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [e sendo] uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1994, p. 21). Sendo assim, questionamos as características e as representações das mulheres naturalizadas no cotidiano por construtos sociais e culturais, bem como sua contribuição na organização e manutenção do poder na sociedade.

Ademais, ao adotar a perspectiva dos Estudos de Gênero procuramos desconstruir e desnaturalizar as oposições binárias fixas e a advertir para a forma como “[...] as referências

² Este texto é parte das investigações realizadas durante meu curso no Mestrado em História, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus de Marechal Cândido Rondon.



culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas” (MATOS, 2007, p. 184). Ou seja, como os mecanismos sociais e de poder, a exemplo de nossas vestimentas, nossos trejeitos, posturas, linguagem, entre outros aspectos, acabam criando bases e determinações sobre as quais os sujeitos se identificam e constroem suas concepções de gênero ou são construídos e identificados na sociedade.

As premissas acima nos permitem considerar a existência de múltiplos “femininos” e de múltiplos “masculinos”, desconstruindo a noção de uma subjetividade única ou essencialista e reconhecendo as interseccionalidades de classe, raça, etnia e geração. Ao nos referirmos à análise dos discursos do jornal acerca das mulheres da elite maringense, esses apontamentos nos permitem problematizar a organização e a construção discursiva do gênero por meio da veiculação de performances sociais selecionadas pelos editores do periódico, dentro de uma realidade múltipla, na tentativa de fixar formas “ideais” de feminilidades.

Nesta perspectiva ao analisar o periódico nos aproximamos das discussões de Michel Foucault (2014) acerca da produção e da circulação dos discursos, compreendendo que os jornais instauram objetos, circunscrevem conceitos, legitimam sujeitos anunciadores e fixam estratégias de anúncio. Dessa maneira, consideramos que a produção discursiva “[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014, p. 8). É a partir dessa perspectiva que buscaremos abordar a Folha do Norte do Paraná, questionando como as representações e imagens das mulheres das elites maringense emergiam e eram produzidas no discurso do jornal e como este as selecionava, controlava e legitimava.

Dessa maneira, nos tópicos seguinte procuramos a apresentar primeiramente a Folha do Norte do Paraná, compreendendo a importância do conhecimento do jornal, de suas características gráficas e dos sujeitos envolvidos em sua produção de seus discursos. Em seguida analisaremos a relação entre a constituição da cidade e das elites de Maringá com a produção de discursos na Coluna Social. Por fim, discutiremos alguns casos do envolvimento das mulheres da elite maringense em ações filantrópicas e assistenciais, buscando compreender as performances apresentadas por essas figuras femininas da sociedade e os discursos construídos a partir de suas ações na esfera pública.



2 A FOLHA DO NORTE DO PARANÁ

Ao abordar a Folha do Norte do Paraná como fonte histórica partimos da compreensão da atuação dos periódicos como mobilizadores sociais, divulgadores de projetos e de valores morais, na naturalização do inusitado, no esquecimento seletivo, no alinhamento de experiências, na homogeneização de referências para a memória coletiva, na formação de uma visão imediata do real e na constituição de um público consumidor (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

Além disso, consideramos que os jornais são carregadas de parcialidades, por essa razão se torna fundamental o estudo e a aproximação com a sua história, com seus editores, jornalistas e anunciantes (SILVA; FRANCO, 2010). O conhecimento da equipe editorial do periódico nos permite identificar as vozes presentes nas edições, bem como contextualizar as escolhas editoriais, como a linguagem, as fotografias e a diagramação empregada. Tudo isso nos dá conta das intenções e das expectativas do Jornal, “[...] além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores, das ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário” (LUCA, 2008, p. 138).

Nesta perspectiva, o trabalho empreendido na análise do jornal, compreendeu a leitura e tabulação de cerca de 4000 mil edições da Folha do Norte do Paraná, publicadas entre os anos de 1965 e 1973. Tendo em vista, o objetivo de analisar os discursos acerca das ações das mulheres das elites locais na esfera pública, principalmente, por meio de seu engajamento em atividades filantrópicas. Sendo assim, concentramos nossa leitura na Coluna Social, tabulando informações sobre o conteúdo por ela apresentado como título das matérias, autores, posição na página, características gráficas, termos utilizados, formas de linguagens e o uso de imagens.

Ademais, compreendendo que a contextualização do Jornal e de sua trajetória é fundamental para a análise do discurso do periódico, lançando luz as suas conexões sociais, interesses e relações de poder, apresentamos em seguida a Folha do Norte do Paraná um jornal diário produzido em Maringá, que circulou entre os anos de 1962 a 1979 em várias cidades do Estado como Mandaguari, Umuarama, Cianorte, Londrina, entre outras.

O Jornal foi idealizado pelo bispo diocesano D. Jaime Coelho e administrado pela Diocese de Maringá até 1964 quando passou por dificuldades financeiras e administrativas. Como medida para superar essas adversidades, no ano seguinte o bispo arrendou a gerência do periódico para Joaquim Dutra, Samuel Silveira e seu grupo, donos de outros meios de



comunicações, como, por exemplo, de estações de rádio e TV. Cabe destacar que Joaquim Dutra também se envolveu, em 1968, com a presidência da Associação Comercial e Industrial de Maringá (ACIM), o que nos sugere a importância de seus vínculos com os comércios e indústrias locais para a futura gerência da Folha do Norte do Paraná, principalmente para a acentuação do caráter comercial do Jornal e a veiculação de matérias que incentivavam a industrialização do município (PAULA, 2006, p. 65).

A mudança na administração do Jornal em 1965 significaria uma nova fase em seu desenvolvimento. Mesmo mantendo algumas características anteriores, como o esquema de distribuição, a maioria dos funcionários e a influência do bispo como diretor fundador, as mudanças gráficas propostas permitiram a apresentação e a leitura mais dinâmicas do periódico, chegando a aumentar as vendas de anúncios, tornando o periódico cada vez mais comercial.

Esse período da administração se estenderia até 1973, quando, devido a conflitos envolvendo a necessidade de modernizar seus equipamentos gráficos, o grupo reunido por Joaquim Dutra se afastou, levando consigo grande parte da equipe e fundando o Diário do Norte do Paraná, que seria o principal concorrente da Folha (PAULA, 2016, p. 68). Dadas essas características e indivíduos reunidos em torno do Jornal neste período de 1965 a 1973 é que construímos nosso recorte temporal, visto que, as características gráficas e os administradores garantem uma constância e regularidade nos discursos analisados.

3 A SOCIEDADE MARINGAENSE E A COLUNA SOCIAL

Após esse investimento em historicizar a Folha do Norte do Paraná, cabe analisar os laços entre a sociedade local e o periódico, visto que compreendemos o jornal enquanto um mediador, um autor que fomenta a adesão ou o dissenso da população a uma causa, mobiliza a sociedade para a ação, articula, divulga e dissemina projetos, ideias, valores e comportamentos. Desta feita, buscamos entender a imprensa enquanto elemento constitutivo do social que possui uma historicidade que “requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

Sendo assim, destacamos alguns dados sobre Maringá e sua relação com a Folha do Norte do Paraná. A constituição da cidade – elevada a município em 1951 – fora planejada pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná (CMNP), utilizando como estratégia



para ocupação da região a divisão da terra em pequenas e médias propriedades. O desenho urbano de Maringá projetado pelo urbanista Jorge de Macedo foi baseado no modelo inglês de cidade-jardim, subdividindo os locais em núcleos de acordo com suas funções. Tais características contribuíram para a constituição de um discurso e uma propaganda da cidade e de sua sociedade como racional, futurística, o “El Dourado” paranaense (ARIAS NETO, 1995).

No período compreendido pela presente análise a cidade vivia um processo de crescente urbanização como pode ser percebido no aumento populacional apresentado pela comparação entre as décadas de 1960, quando Maringá possuía 104.131 habitantes, sendo que, deles, 56.539 residiam na zona rural e 47.592 na zona urbana, enquanto que em 1970 a população do município aumentou para 121.347 habitantes, sendo 100.100 residentes citadinos e os 21.347 restantes pertencentes ao espaço rural .

Este fenômeno pode ser associado ao processo de colapso da produção cafeeira na região, de crescimento da população de Maringá devido ao êxodo rural, de introdução de novos sujeitos na dinâmica local e, conseqüentemente, de aceleração do processo de urbanização, o que modificou e trouxe para o centro dos debates do periódico a constituição dos costumes, de projetos de sociedade e de cidadãos visados para a cidade. Ou seja, como argumenta Campos (1999), ao comentar o contexto maringaense nos anos 1960 e 1970, os jornais se constituíram em porta-vozes das normatizações nos espaços urbanos, de acordo com a visão dos grupos dominantes e o poder público.

Nossas análises estão focadas especificamente na Coluna Social, sendo assim, dada a importância da compreensão dos diferentes filtros e autores envolvidos na produção do discurso do Jornal se torna importante uma apresentação do colunista social da Folha do Norte do Paraná. Ademais, é importante apresentá-lo, pois seria ele uma figura masculina escrevendo e normatizando a imagens dessas mulheres ligadas as elites maringaenses, por meio da escolha do que era ou não publicado na coluna por ele assinada.

Consideramos, também, a questão do autor e editor das colunas, compreendendo a influência e responsabilidade dessas figuras na constituição dos conteúdos publicados, visto que, como indica a nota veiculada em várias edições do Jornal, “[...] a direção isenta-se de responsabilidade sobre as opiniões emitidas em matéria assinada”. Nesse caso, a coluna policial, ao não possuir um autor declarado, tem o caráter de seu conteúdo atribuído à equipe geral do Jornal. A coluna social, por sua vez, ao ser assinada por Frank Silva, era de sua incumbência.



De acordo com as considerações de Michel Foucault, os autores seriam um princípio de agrupamento, de coesão: “[...] aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência e sua inserção no real” (FOUCAULT, 2014, p. 26). Assim, uma apresentação do colunista Frank Silva torna-se necessária para aprofundar nosso conhecimento desse personagem fundamental na construção da coluna social, uma vez que, além da linha editorial do Jornal, os autores das colunas também se configuravam em mais um filtro entre o que era veiculado nas páginas do periódico e a realidade a que se referia. Ademais, é importante apresentá-lo, pois seria ele uma figura masculina escrevendo e normatizando um ideal de feminilidade e de masculinidade, por meio da escolha do que era ou não publicado na coluna por ele assinada.

Devemos, no entanto, atentar para o fato de que o conteúdo social apresentado por Frank Silva respondia às condições de produção da própria Folha do Norte Paraná, bem como ao seu horizonte moral. Sendo assim, ponderar as sociabilidades exercidas nas diferentes conjunturas políticas, as múltiplas vinculações e as intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar comportamentos, modos de vida e condutas sociais, do grupo e do autor que edita a coluna, isso nos permite decodificar nossa fonte de pesquisa e compreender seus usos e finalidades (SILVA; FRANCO, 2010).

Há de se compreender, portanto, que o autor e os editores do Jornal não operavam com total autonomia sobre a sua fala, ou seja, enquanto fonte do sentido e do seu pensamento, esses sujeitos ocupavam uma determinada posição social e a partir dela produziam seus discursos. Sendo assim, enquanto um ser social, o enunciador é depositário de várias formações discursivas que estão presentes numa determinada formação social na qual está inserido. Entretanto, “[...] seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 27), ou seja, não podemos ignorar as posições e as particularidades da trajetória de Frank Silva, uma vez que ele chama para si a tarefa de ser porta-voz da sociedade maringense.

Nosso editor Frank Silva era paulista, advogado e jornalista, iniciando seus trabalhos em meios de comunicação em 1957 na Rádio Cultura de Maringá, sendo recrutado em 1962 pelo bispo D. Jaime para fazer parte da Folha do Norte do Paraná, na qual permaneceu como colunista social até o ano de 1973. Desde a sua contratação até a sua saída, ganhou cada vez mais destaque no periódico, passando a ser reconhecido ao ponto de a coluna, antes intitulada “Destques”, passar a ser identificada apenas como “Frank Silva”, escrito nas páginas do Jornal com letras garrafais. Essa associação entre o autor e o conteúdo que



produzia, o tornava um colunista social especializado, o que conferia uma autoridade e poder de fala a ele e à sua coluna. Sendo assim, ambos se constituíram em participantes ativos da constituição do ambiente das elites locais.

Para a constituição dos conteúdos da Coluna Social os vínculos sociais e as conexões de amizade dos colunistas eram fundamentais para sua participação em festas e eventos, que seriam posteriormente narrados nas notas da coluna, se tornariam comentários e se venderiam os anúncios vinculados na página social. Essa relação entre o colunista e a sociedade não era de forma alguma unilateral. Havia uma dependência mútua, pois, se o primeiro dependia de conexões sociais para produzir conteúdo, o segundo compreendia a coluna social enquanto um espaço privilegiado, no qual poderia projetar uma imagem capaz de promover determinadas famílias e sujeitos, dar-lhes honra, inseri-los entre as altas rodas sociais.

A coluna social, ao retratar as elites locais, por meio da publicação de seus nomes, da descrição e dos elogios às suas atividades, se constituía enquanto uma estratégia para esses sujeitos tornarem públicos seus sobrenomes, suas famílias, suas empresas, propagando e aumentando seu valor e prestígio na dinâmica social de seu grupo. Além disso, conectava esses personagens a uma imagem de modernidade, de desenvolvimento e de requinte cultural, imagem na qual eles não apenas representam, mas eram a “alta e boa sociedade” em todos os aspectos. Como argumenta Joana Maria Pedro (1994), em sua análise sobre as representações das mulheres honestas e faladas do início do século XX em Florianópolis, os processos de urbanização e de organização da cidade trazem consigo o aparecimento de novas classes sociais e de novos indivíduos com o crescimento populacional. Nesse contexto, as notas sociais contribuíam para a inserção dessas figuras nas altas camadas da sociedade local.

A coluna social, além de apresentar comentários sobre a vida e o cotidiano das elites regionais, apresenta os principais locais de sociabilidades das personalidades de destaque social. Neste contexto, os clubes sociais são espaços de socializações centrais na dinâmica da “alta e boa sociedade”, uma vez que se configurava em um ponto de encontro e de articulação dos principais eventos sociais e mesmo de organização das ações de “caridade” e filantropia. Inferimos que tais ações filantrópicas, de acordo com a argumentação de Jacques Donzelot (1980), ao demarcarem a organização da moralização e da disciplinarização das famílias no século XIX, visavam não somente o bem-estar social, mas também direcionar a vida dos pobres, obter trabalhadores, engrandecer o doador, entre outros aspectos.



A partir dessas condições, a coluna social se diferenciava dos demais conteúdos do jornal. Sua função se dava para além da construção de vínculos de amizade e da capacidade de influenciar a realidade social. O colunista administrava o espaço de circulação de coisas e de pessoas, organizando e criando um espaço de “magia e sedução”, no qual eram apresentados eventos como bailes, concursos de belezas, viagens e os “finais felizes” de casamentos e de namoros. O colunismo social da Folha do Norte do Paraná era marcado pelo caráter opinativo e subjetivo, configurando-se enquanto um meio de inserção social de novos membros, bem como da manutenção das antigas famílias nas altas rodas da sociedade.

4 FILANTROPIA E ORGANIZAÇÃO FEMININA EM MARINGÁ

As mulheres das elites apresentadas na Coluna Social da Folha do Norte do Paraná eram representadas reunidas em clubes sociais, principalmente, nas associações Domadoras do Lions Clube, Senhoras Rotarianas ou Clube da Amizade. Nesses espaços, elas organizavam ações e eventos que permitiam o auxílio à populações carente, além de seu engrandecimento, do seu encontro, da troca de conselhos, experiências e dicas. Sendo assim, compreendemos que tais locais e ações relacionadas a filantropia e a assistência social se constituíam em meios de organização feminina, ainda que tais formas de articulação reafirmassem discursos tradicionais e conservadores acerca das feminilidades.

Um primeiro exemplo que trazemos acerca dessa forma de organização feminina é o Bazar das Domadoras, divulgado pela coluna social em 5 de maio de 1965, organizado pelas “[...] gentis senhoras esposas dos associados do LIONS CLUBES DE MARINGÁ, oferecendo ao setor feminino de nossa sociedade, artigos por elas confeccionados bonitos e a preços convidativos”. Assim, mais adiante, em outro trecho da nota, o colunista se dirige novamente às mulheres ao dizer:

Já não é a primeira vez que DOMADORAS levam a realizar com invulgar êxito, o seu BAZAR BENEFICIENTE que sempre conseguiu angariar fundos para as obras assistenciais leonísticas. Evidentemente, as DOMADORAS contam com a sempre precisa colaboração das senhoras de nossa sociedade, no que tange à aquisição dos trabalhos expostos a venda. Portanto, diretamente dirigido só mundo feminino maringaense, o convite para comparecerem e prestigiarem, mais uma vez esta promoção do LIONS CLUBE DE MARINGÁ. (FOLHA DO NORTE DO PARANÁ, 05.05.1965, p. 4)

Observamos como os trechos anteriores contribuem na constituição de uma associação entre as obras de assistência, os clubes e as mulheres, principalmente ao repetir e destacar com letras maiúsculas o nome do clube e das domadoras. Para além disso, era



informado que as senhoras da sociedade sempre colaboravam com essas obras, sendo esse cuidado feminino para com o bem-estar social visto como uma extensão de suas funções maternais para toda a sociedade, como parte de um modelo de feminilidade, que conjugava virtudes como abnegação e piedade.

A partir das contribuições ao debate sobre as relações de gênero introduzidos por Judith Butler (2016), consideramos como os modelos de gênero são produzidos a partir de processos de “[...] estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2016, p. 69). Sendo assim, os gêneros se constituíam por meio da repetição de códigos, de posturas, de comportamentos, de expressões, de regras e normas, que, uma vez construídas e significadas socialmente, passam a impressão de naturais e a-históricas.

Além disso, Butler (2016) contribui para com nossas discussões anteriores ao advertir para o caráter performativo do gênero. Segundo esse ponto de vista, consideramos como as notas sociais por meio de suas regulações, repetições e naturalizações de posturas femininas colabora para cristalizar as estruturas do gênero. Esse conceito de performatividade evidencia como as normativas do gênero e do sexo são construídas e naturalizadas, sendo a

[...] realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte de estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2016, p. 244).

Os aspectos elencados acima nos trazem duas convicções. A primeira versa sobre o caráter relacional das construções dos gêneros, ou seja, os modelos de masculino e de feminino não são apenas oposições, são também necessários e complementares um ao outro; a segunda convicção se relaciona ao rompimento com a binaridade dos modelos de gênero, considerando a existências de múltiplos modelos de masculinidades e de feminilidades. Com essas convicções, entendemos que a Folha do Norte do Paraná produzia modelos de homens e mulheres, construía e destruía esses modelos, orientava o que deveriam ser, organizando-os de maneira oposta, plural e complementar.

Nesta perspectiva, a nota social publicada no dia 09 de novembro de 1967, indica a realização do bazar beneficente e do desfile de moda infantil, contribuindo para associação



da performance de gênero dessas mulheres ao cuidado e a maternidade, além de reafirmar a atuação feminina, junto aos clubes sociais e as ações assistenciais, ao informa que

As domadoras do Lions Clube de Maringá, estarão reunidas dia 18, às 15:00 horas, no Maringá Clube, para realização do seu “Bazar Lanche e Desfile de Modas Infantis”. A promoção visa arrecadar fundos para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. O Desfile de Modas Infantis, certamente, será a grande atração do acontecimento (FOLHA DO NORTE DO PARANÁ, 09.11.1967, p. 4).

A partir desse trecho, seguindo as indicações de Ana Paula Vosne Martins (2015), compreendemos o longo processo de feminilização da bondade, bem como entendemos como a filantropia, também contribuiu para que as mulheres assumissem um papel civilizador, intervindo na esfera pública por meio da assistência social. Esse novo lugar feminino ofereceu uma valorização da ação feminina, oportunizando novos contatos com os movimentos internacionais e organizações, sendo um espaço de socialização, liderança, visibilidade e distinção social. Assim, compreendemos que o engajamento das senhoras da sociedade maringaenses também se constituiu enquanto um meio de projeção social e da formação de alianças e sociabilidades segundo as quais essas mulheres poderiam participar ativamente das decisões públicas.

Além disso, quanto à divisão das esferas pública e privada, aqui nos aproximamos do conceito de lugar praticado proposto por Michel de Certeau (2014), segundo o qual os espaços são constituídos pelas práticas e pelos discursos que ali se desenvolvem. Sendo assim, os conjuntos de narrativas fragmentados fundam, articulam, descrevem, fixam, delimitam os lugares. Por fim, “[...] os relatos são cotidianos, contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaços” (CERTEAU, 2014, p. 189). Por meio dessas características e da relação discurso e lugares eram constituídas determinadas performances dos sujeitos em sua circulação pela cidade. Ponderamos, a partir desse conceito, como o periódico e os indivíduos influenciavam e eram influenciados pelos ambientes que frequentavam.

Nesse sentido, no contexto analisado, ou seja, nos anos 1960 e 1970, além do espaço privado e das aventuras femininas no meio público, os clubes sociais se constituíam nos principais locais de encontro e de sociabilidade das senhoras da sociedade maringaense. Era nesses salões sociais em que, ainda jovens, elas debutavam, festejavam seus casamentos e participavam de obras de caridade. Como argumenta Marlene Fáveri (1996), as associações sociais eram vitrines, locais para estabelecer laços de amizade e casamentos, em que se reunia um grupo de pessoas que compartilhavam os mesmos preceitos morais, onde se



articulavam encontros e sociabilidades.

A reunião de mulheres em ambientes específicos, em geral envolvia as promoções e as ações de caridade, como exemplifica a existência do Clube da Amizade – CA, instituição exclusivamente feminina. Os encontros do CA eram, constantemente, informados na coluna social, convidando todas as suas associadas, como podemos observar na nota publicada no dia 11 de julho de 1965, cujo convite seguia da seguinte forma:

A Sra. Branca Fernandes, Presidente do Clube da Amizade, através de nossa coluna avisa às suas associadas que o chá mensal será realizado hoje, sexta-feira, dia 11, às 15:00 horas no Grande Hotel Maringá. Solicita e agradece o comparecimento de todas as componentes do clube, para maior brilho da reunião (FOLHA DO NORTE DO PARANÁ, 11.07.1965, p. 4).

As reuniões do chá mensal do CA se constituíam e espaços e momentos de encontro das mulheres associadas, nos quais eram traçadas as metas e as promoções realizadas pelo clube durante o ano. Consideramos que estes eventos, de acordo com as argumentações de Tânia Andrade Lima (1997) sobre as mulheres do século XIX, se configuram enquanto cerimônias sociais, que acabavam se transformando também uma espécie de trampolim social para conquistas na arena pública, construindo um poderoso campo de ação, possibilidades e plataforma para novos papéis sociais que as mulheres poderiam assumir.

Em outras edições da coluna social, as senhoras da sociedade também eram apresentadas por meio de comentários e fotos, sendo consideradas figuras de destaque e relevância social na prestação da assistência caridosa à população, essas publicações destacavam a dedicação dessas mulheres para com a comunidade, como podemos observar na nota publicada no dia 1 de julho de 1968, que veiculava o seguinte texto:

Sra. Oricena V. P., primeira dama do Lions Clube de Maringá, segundo informações que nos chegam, estaria disposta a encetar um grande campanha em prol da APAE, congregando todas as senhoras pertencentes aquela sociedade (FOLHA DO NORTE DO PARANÁ, 1.07.1968, p. 4).

Sendo assim, compreendemos que essas apresentações e projeções de perfis femininos permitiam que mulheres como a Sra. Oricena ocupassem espaços públicos, se reunissem e se destacassem em outras atividades para além daquelas que envolviam seus lares, seus maridos e filhos, mesmo que muitos de seus trabalhos assistenciais ainda se constituíam como extensão de suas funções maternas. Para além disso, com amparo nas proposições de Joana Maria Pedro (1994), convém dizer que a divulgação e destaque dado às mulheres da sociedade nas notas sociais se constituía enquanto um importante mecanismo



de hierarquização social. Sendo assim, a apresentação de suas atividades no espaço público contribuía para a manutenção de seu *status quo*, bem como para a sua ascensão social e de sua família.

Em outra matéria, veiculada em 20 de março de 1968, Frank Silva divulgou o lançamento da pedra fundamental de um novo pavilhão no Lar dos Velhinhos. Ali, além da presença de alguns senhores doadores, do bispo, o destaque é dado às Irmãs que administravam a instituição e às senhoras do Clube da Amizade e do Rotary Clube de Maringá. Além de enfatizar o envolvimento das mulheres com as ações de caridade, a nota destacava a sua elegância, outro ponto constantemente destacado no discurso da coluna social em relação às figuras femininas, como observamos na seguinte passagem: “[...] a elegância, por parte das senhoras, predominava” (FOLHA DO NORTE DO PARANÁ, 20/3/1968, p. 4). Tal associação nos indica como essa característica seria mais uma marca da feminilidade “ideal”, incorporando aspectos como boa educação, beleza, amabilidade e gentileza.

Compreendemos, assim, como a participação feminina na esfera pública comportava diferentes significados, uma vez que reforçava algumas normativas em relação à moral feminina, ao mesmo tempo em que permitia às mulheres novas experiências com as quais não tinham familiaridade, como “[...] criar uma associação, organizar atividades, angariar recursos, mobilizar novas associadas, enfim, as muitas atividades que envolviam esse tipo de trabalho voluntário estão na origem de uma nova experiência nesse espaço intermediário entre o público e o privado” (MARTINS, 2015, p. 26).

Outro ponto que podemos considerar seria como essa presença pública da mulher não era creditada a todas, mas sim a um tipo feminino que se alinhava esse modelo de feminilidade, que podemos colocar como “ideal” produzido pelo discurso do Jornal. Dessa maneira, de acordo com Ana Paula Vosne Martins (2015), a educação, a disciplina e o trabalho com obras de assistência se configuravam em condições que proporcionavam a participação feminina nos meios públicos.

5 CONCLUSÃO

Como forma de sintetizar e finalizar este artigo buscamos veicular algumas últimas considerações acerca deste debate sobre a organização feminina, especialmente, nos recortes propostos aqui. Isto é, nesta tentativa de problematizar a participação das mulheres da elites maringaenses na esfera pública por meio de ações ligadas a filantropia e a assistência social.



Primeiramente, compreendemos de acordo com Ana Paula Vosne Martins (2015), que o silêncio sobre as trajetórias das mulheres ligadas as elites conservadoras na esfera pública, principalmente em relação as suas atuações filantrópicas e assistenciais, está ligado ao próprio desenvolvido do campo de pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero, em desenvolvimento na segunda metade do século XX.

Nesta perspectiva, procuramos apresentar algumas dessas ações das mulheres da elites locais presentes em uma cidade no interior do Paraná. Esta discussão nos permitiu lançar reflexões sobre a atuação da imprensa e suas relações com a sociedade, no sentido da manutenção dos status quo, da reiteração de modelos de gênero e de preceitos morais.

Além disso, consideramos dois pontos acerca dessas trajetórias das mulheres ligadas a atuação filantrópica. Primeiro, a maneira este campo se articula como um meio de participação e atuação na esfera pública dessas mulheres. Segundo, como as ações assistenciais, o espaço dos clubes sociais e as notas na Coluna Social acabam por reafirmar padrões de feminilidade ligados a representações cristalizadas sobre a figura feminina, como sua associação com o cuidado, a abnegação, a piedade, entre outros características.

A partir dessas considerações podemos compreender que o discurso do Jornal produzia e reproduzia uma série de padrões, condutas e comportamentos associados as feminilidades. Sendo assim, considerando que a produção discursiva disseminada no tecido social se configura enquanto um campo de lutas e de produção de sentidos e poderes, consideramos que o discurso apresentado na Folha do Norte do Paraná é,

um bem finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de apropriação e de utilização um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2007, p. 136-137).

Desta feita, o poder de fala apresentado pelo discurso do Jornal e sua produção associada, em sua maioria, por homens brancos da elite maringense, influenciava em sua constituição, especialmente, em relação a autoimagem criada para o seu grupo, assim como para a construção da imagem dos outros sujeitos. Ou seja, a construção de modelos masculinos e femininos estava associada a manutenção do status quo de um grupo social, garantida pelo domínio da prática social do discurso.

Por fim, refletir sobre tais questões acerca das diferentes formas de organização feminina é um debate que não se encerra nos limites deste texto. O exemplo das articulações passadas dessas mulheres, que tomam um caminho tradicional e conservador em relação a



sua participação pública, que não se alinha necessariamente as pautas feministas ou a movimentos sociais, lançam luzes para análise da conjuntura atual das formas de engajamento e luta na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIAS NETO, João Miguel. *Pioneirismo*: discurso político e identidade regional. **História & Ensino**, Londrina, v. 01, p. 69-82, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMPOS, Paulo Fernando de S. Moralizando o pobre: vadios, baderneiros e loucos na “cidade tecnicamente planejada para ser bela e sem problemas”. In: DIAS, Reginaldo B; GONÇALVES, José. H. R. **Maringá e o norte do Paraná**. Maringá: Editora da UEM, 1999. p. 315-331.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador*: conversas sobre a história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2007.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

FÁVERI, Marlene. **Moços e moças para um bom partido** (a construção das elites de Itajaí, 1929-1960). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LIMA, Tânia Andrade. *Chá e simpatia*: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, p. 97-127, 1997.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 113-153.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *A feminilização da filantropia*. **Gênero**, Niterói, v. 15, n. 2, p. 26-36, 2015.

MATOS, Maria Izilda. *História das mulheres e gênero*: usos e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia (Org.). **Olhares feministas**. Brasília, DF: Ministério da Educação: UNESCO, 2007. p. 280-



295.

PAULA, Antônio Roberto de. **O jornal do bispo**: a história da Folha do Norte do Paraná. Disponível em: <http://jornaldobispo.blogspot.com/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historia-da.html>. Acesso em: 25 jan. 2014.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis, SC: UFSC, 1994.

SCOTT, Joan. *Gênero*: uma categoria útil para a análise histórica. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. *Imprensa e política no Brasil*: considerações do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 9, 2010.